

V Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Rio de Janeiro, 15, 16, 17 de setembro de 2010
GT 8- Mercados Informais, Ilícitos e “Alternativos”,
Coordenação: Rosana Pinheiro Machado (ESPM-RS)

“Isso Não é um Cachimbo”:

Notas Etnográficas Acerca da Relação Entre Usuários de Crack e Seus Utensílios.

Taniele Rui¹

Resumo: *A partir fundamentalmente de dados empíricos, este texto busca descrever a relação entre usuários de crack, seus cachimbos e utensílios com a gestão social e de segurança. Ainda como uma etapa preliminar à análise, o objetivo é apresentar a relevância de observar tais objetos para entender a experiência do consumo desta droga.*

Em uma roda, Vivian, o namorado e mais um homem preparam os seus cachimbos num “mocó” na linha. Com muita concentração esfrelam a pedra e a acomodam em cima das cinzas de cigarro, num cachimbo feito por eles mesmos. O de Vivian foi confeccionado a partir de um cano de PVC marrom, o do seu namorado a partir de um isqueiro cortado ao meio. O do terceiro homem foi produzido com uma lâmpada: ele havia feito um furo na parte mais cilíndrica da lâmpada e, em cima, tendo tirado o seu bocal, depositava as cinzas e a pedra. Um dos redutores se interessa por essa feitura incomum e fala: “deixa eu ver o seu Bóris?”. O homem olha com um aspecto assustado de quem fica surpreso diante do fato de saber que o redutor compartilhava da sua forma de nomear o cachimbo e prontamente o oferece para observação. O redutor elogia

¹ Doutoranda PPGAS-Unicamp, bolsista FAPESP. Contatos: R. Helenita Ap. Bassan de Sá, 145 cep 13082-754. Campinas-SP, tanielerui@yahoo.com.br; telefones: 19-32490188;92244538.

a feitura e diz a ele que seria mais interessante se conseguisse colocar água dentro do “Bóris” e o adverte: “a borra do cachimbo faz muito mal para o corpo. Se você colocar água, ela se dissolve, daí você não fuma isso, entendeu?”²

Esta exposição pretende abordar um aspecto da etnografia que venho realizando há dezoito meses junto a usuários de crack atendidos por programas de redução de danos (PRD) das cidades de Campinas-SP e de São Paulo: a relação que esses usuários estabelecem com os objetos utilizados para mediar o consumo da droga (mais notadamente, os cachimbos) e, diante de íntima interação, o que ela gera em termos de gestão social; pois é em torno dos cachimbos (e de seus usos higiênicos) que boa parte da política de redução de danos se sustenta e, mais recentemente, levando em conta a leitura de notícias relacionadas, chamam atenção as apreensões policiais desses objetos, num processo metonímico para classificar seus portadores e justificar a ação dos órgãos de segurança pública. Ainda, esses objetos e seus restos são inseparáveis da constituição e identificação de uma cena de uso, são pistas que orientarão a caminhada dos usuários, dos redutores de danos, de um cem número de instituições assistenciais e religiosas, da polícia e, também, desta antropóloga.

Seguindo o ensinamento de Appadurai (2008:17)³, o objetivo de centrar a atenção nos cachimbos é, sobretudo, *metodológico*. Assim como o autor, não tenho dúvidas de que as coisas não têm significados afora os que lhes conferem as transações, atribuições e motivações humanas. Contudo, essa “verdade formal”, diz Appadurai, não lança qualquer luz sobre a circulação das coisas no mundo concreto e histórico. É por isso, para entender o que se passa, que devemos seguir as coisas em si mesmas, pois os seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos e suas trajetórias. Ou seja, embora do ponto de vista *teórico* atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista *metodológico* são as coisas em movimento

² Caderno de campo, 10/03/2009.

³ **Appadurai, A.** “Introdução: mercadorias e a política de valor”, *A vida social das coisas; as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

que elucidam seu contexto humano e social. Dito isso e partindo fundamentalmente de dados empíricos, pretendo mostrar como a inteligibilidade da experiência do uso de crack é inseparável da reflexão acerca desses cachimbos. Busco também e sinteticamente, na sequência, explicitar o processo que culminou no meu interesse pelos cachimbos e alguns “dados” que permitiram adensar a observação, vislumbrando um potencial analítico (ainda em fase de elaboração).

O trabalho destes Programas de Redução de Danos consiste, basicamente, em ir até os locais de consumo de drogas e levar informações de saúde para os usuários. Tais locais podem ser de dois tipos: os “mocós”, que na linguagem nativa servem para indicar os becos, as casas abandonadas, linhas de trem, regiões específicas de bairros periféricos e galpões desocupados que garantem aos consumidores de drogas como o crack uma certa privacidade e radicalidade da experiência e, no caso de São Paulo, a grande quantidade de pessoas consumindo crack publicamente torna a região que recebeu o nome de cracolândia alvo das políticas de segurança, de saúde, assistenciais e urbanísticas. Duas territorialidades, uma mais pública, outra mais privada, têm implicações bastante significativas no consumo e na relação com os cachimbos.

Em muitas dessas visitas levávamos cerca de duas, três horas para chegar ao local e, ao fim, só encontrávamos “mocós” vazios. A dificuldade de acessar esses lugares muitas vezes exigiu do pesquisador – e dos redutores – uma habilidade de andar por trilhas, pedras, alguns relevos e subir em construções abandonadas que não tinham uma “porta” de entrada rente ao chão. “Paisagem” semelhante já chamara a atenção de Richard Sennet que, em seu belo ensaio sobre *Carne e Pedra*, ou melhor, sobre cidade e corpo, dedicou uma especial atenção à *“desdentada Rivington Street (em Nova York), cujas construções abandonadas servem de esconderijo aos viciados, que ali praticam sua roleta-russa. Ocasionalmente, jovens assistentes sociais são vistos errando pelo local, batendo nas portas trancadas ou nos batentes das janelas, oferecendo seringas descartáveis de graça”* (Sennet, 2008:359)⁴.

⁴ **Sennet, Richard.** Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, BestBolso, 2008.

Nesses espaços, a um só tempo abandonados e excessivamente vigiados pelo poder público, mas que proporcionam privacidade no consumo da droga, chamados de *mocós* pelo usuários, o que se vê, além de materiais de construções abandonados, são muitos papéis que embrulham o crack, palitos de fósforo, isqueiros, restos de alimentos e de roupas, cobertores, cartões telefônicos usados provavelmente para a separação das porções de crack⁵ ou cocaína, alguns tocos de madeira que usam para sentar, latas de alumínio grandes que servem de apoio para preparar e separar o crack, latas de refrigerante e embalagens de iogurte usadas como cachimbo, excreções humanas e lixo, muito lixo. A constante ida a esses lugares re-orientou minha forma de caminhar pela cidade, a minha “enunciação pedestre” (De Certeau): passei a andar de cabeça baixa, olhando para o chão, procurando papéis quadriculados verdes e pretos, cápsulas de embalagem de cocaína, restos de alumínio que pudessem formar um cachimbo de crack. Andava em busca de pistas de onde os usuários pudessem estar⁶.

Foi a repetição dessa situação que começou a despertar meu interesse com relação aos objetos: sabíamos que um lugar era um espaço de consumo de “drogas”, menos pelas pessoas que ali estavam e mais pelos objetos deixados no local. Ou seja, a existência desses objetos deixavam pistas que faziam o PRD atuar. A relação entre espaço e consumo de crack é estreita. A feitura de um cachimbo, por exemplo, não é possível de ser realizada em qualquer cenário. Há que se ter um tempo e um espaço específico para tal. Com uma folha de alumínio, faz-se o canudo. Com sacola plástica, cano de PVC ou isqueiro cortado ao meio é formado o recipiente que, ao receber uma base picotada com algum material cortante, está pronto para que o pó de crack se misture às cinzas de cigarro. Na falta desses materiais, usa-se latas de refrigerante ou embalagens de iogurte. Quando o cenário não possibilita a feitura desses objetos, o cachimbo se torna mercadoria. Na região mais pública da cracolândia, cachimbos são fabricados e vendidos por alguns comerciantes

⁵ Antes vendido sobre a forma de pedra, o crack agora é comercializado também em forma de farelo, com a pedra já bastante macerada. Essa segunda forma permite que a droga seja comercializada também em pequenas porções.

⁶ Tive essa mesma atitude ao visitar o bairro do Casal Ventoso, em Lisboa, afamado na cidade como um dos principais pontos de comércio e uso de heroína na cidade. Notei muitas embalagens de um suporte de alumínio, uma espécie de base que, depois vim a saber, servia como recipiente onde era feita a diluição da droga, antes de ser sugada pela seringa e injetada no corpo do usuário.

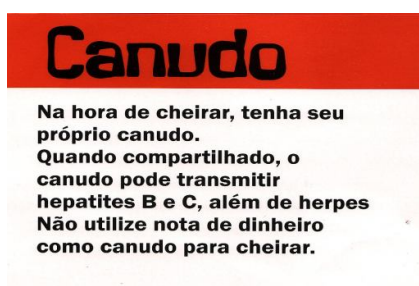
do local. Dependendo do material utilizado, o valor pode variar de 1 a 17 reais (caso de um cachimbo feito de cobre que um usuário todo orgulhoso da sua aquisição veio me mostrar).

Contrastando com a dificuldade de obter informações mais detalhadas sobre a trajetória pessoal e social dos usuários mais conhecidos, assim como de detalhes do comércio de drogas, observa-se uma grande ênfase em conversas que giram em torno dos objetos utilizados no consumo do crack ou, na ausência de pessoas, chama atenção a constante cena dos objetos deixados nos mocós vazios. Centrais para a constituição das cenas de uso, é também através de “papos” sobre os objetos que redutores e usuários compartilham experiências e fortalecem os laços de confiança e afeição. Ao longo dessas conversas é que também foi sendo possível observar que a relação entre os usuários e seus utensílios está longe de ser meramente instrumental. Algumas pessoas andam com seus cachimbos junto aos seus corpos; outras preferem refazê-los todos os dias, evitando estar com eles em caso de batida policial. No vocabulário local, escutei muitas vezes os nomes “Bóris”, como mostra o relato da experiência de campo que abre este texto, e “Catarina” como referência aos cachimbos. A relação de uma usuária com o seu cachimbo, descrita durante entrevista com um redutor, parece indicar uma complexa e delicada interação, que ainda precisa passar por uma análise mais detalhada:

Um dia eu cheguei em um lugar e conheci uma senhora que usava crack, até traficava no local também. No primeiro dia que eu tava no ambiente com as pessoas do redução de danos, um dos primeiros dias em campo, ela chegou em mim e falou: *“vem cá, vem cá, vem cá, vou te apresentar o perninha”*. Eu falei: *“legal, vamos conhecer o perninha”*, achando que o perninha era um filho dela, um cara. Daí ela tirou do bolso o cachimbo de crack e falou: *“eu sou o perninha, muito prazer”*. E eu olhei e pensei: *“como assim perninha?”* daí eu percebi que a relação dela com aquele cachimbo de crack era realmente uma relação pessoal com aquilo, não era simplesmente um instrumento, um cachimbo de crack só, não. Eu tive que catar o cachimbo na mão, dizer: *“prazer perninha”, sabe?* E ela: *“cheira o cachimbo pra vc ver o cheiro gostoso que tem”, né?* E eu assim, poxa, cru, falei: *“vamos aí, né, meu?”*, cheirei o cachimbo, aquele cheiro forte de crack, de cinza e refletindo: *“ela gosta disso”, né meu?* Esse é o barato dela. E ela perceber que eu tive essa relação, que eu conheci o perninha,

fez com que ela não ficasse com um pé atrás comigo e a gente conversou, sentou e trocou maior idéia...

Os materiais merecem destaque também nos folders distribuído aos usuários (ilustrados abaixo). Vê-se, por exemplo, uma orientação específica ao não compartilhamento de recipientes para o uso, no caso do crack, cachimbos e latas; no caso de cocaína, canudos, uma vez que tais recipientes, ao serem compartilhados, promovem a transmissão de doenças como hepatites B e C e herpes.



Canudo

Na hora de cheirar, tenha seu próprio canudo. Quando compartilhado, o canudo pode transmitir hepatites B e C, além de herpes. Não utilize nota de dinheiro como canudo para cheirar.



cachimbo/latinha

Não utilize o mesmo cachimbo ou a mesma latinha usada por outra pessoa. O uso constante de crack provoca o surgimento de pequenas fissuras (cortes) nos lábios, que propiciam a transmissão de doenças (hepatites B e C e herpes). As queimaduras sofridas pelos lábios decorrentes do fumo potencializam o surgimento de câncer.

Para realizar o trabalho, os redutores entram nas rodas de uso, muitas vezes ficando de cócoras junto com os usuários da droga, oferecem os folders e, numa linguagem mais popular, repetem as informações. Cada vez mais é desincentivado o uso de latas para a inalação de crack porque estas aumentariam a superfície de contato com o redor da boca, aumentando as queimaduras (o que torna a região propícia tanto à transmissão quanto ao contágio de doenças) e facilitando a inalação do alumínio desprendido com o calor. Além disso, não sabendo a proveniência da lata esta poderia transmitir leptospirose. Frequentemente os redutores também aconselham a, se usar na lata, lavá-la antes. Numa das vezes, ao ouvir isso, uma usuária que vivia nas ruas do centro da cidade replicou ao redutor: *“você fala como se fosse fácil arrumar água”*. Nesse contexto, um material muito utilizado é a embalagem de iogurte. Na tampa, uma folha de alumínio picotada com uma agulha e coberta com cinzas retiradas de bitucas de cigarro é a base para esquentar a pedra ou o pó de crack. Do lado, um buraco é feito para aspirar a fumaça. As fotos abaixo, de materiais recolhidos pela equipe de Redução de Danos, mostram tais confecções:



Fotos: Neger Borges



Foto: Taniele Rui

Em abril de 2009, a equipe começou a testar um spray labial à base de calêndula para cicatrizar as feridas da boca desses usuários. Ainda em fase de teste, alguns usuários mais próximos dos redutores foram escolhidos para calcular a aceitabilidade e a eficácia do material. Na região da cracolândia, em São Paulo, os redutores oferecem manteigas de cacau para os usuários. Já ouvi também redutores aconselharem o uso de crack no cigarro, misturado com maconha com o objetivo de diminuir a quantidade de crack fumada. Por fim, ainda aconselham os usuários a não fumarem as cinzas que ficam no cachimbo, a chamada “borra” que os usuários raspam e aproveitam depois de terem fumado toda a pedra. Esse hábito é o que provoca maiores discussões e, segundo os redutores de danos, é o mais difícil de ser modificado. Um ex-redutor, também usuário de crack, comentou em entrevista:

[fumar o crack] não é legal para o pulmão, devido à cinza. Acho que se tivesse outro jeito de usar o crack seria muito mais saudável. Porque no outro dia você tá tossindo umas pastas de pó preta. Se você fumar com alguém, você pode pegar pneumonia, tuberculose.

(...) É mais saudável fumar no cachimbo, porque você fuma menos. Na lata, que eles fumam por onde sai o líquido é um buraco enorme, sai mais. No cachimbo não, você rega a quantidade. O efeito é o mesmo, mas é mais saudável pelo cachimbo. Você fuma menos, puxa menos, economiza, vem menos cinza, né? Porque na latinha tem gente que faz uns buracões e no cachimbo, às vezes, faz uma redinha de aço bem fininha e fica mais saudável, de preferência de madeira, se der pra fazer cachimbo de madeira, é melhor.

Com relação ao canudo para aspirar cocaína é recomendado que esse não seja feito com nota de dinheiro, muito suja, mas a partir de papéis limpos, como o próprio folder distribuído ou, ainda, a partir de bobinas de papéis descartadas pelas Casas Lotéricas. Já foi tentada a distribuição de canudos de silicone, mas, segundo os redutores, estes não teriam sido aceitos pelos usuários porque “dava bandeira”, ou seja, se ficassem andando com o canudo, isto poderia ser indicativo do uso. Além disso, entre os redutores há um grande debate sobre a distribuição de canudos ou de cachimbos porque poderia ser visto pelos usuários como um “assistencialismo”. Diferentemente das seringas (que não podem ser fabricadas), tanto o cachimbo quanto o canudo são possíveis de serem reproduzidos manualmente. Segundo os redutores, essa prática deveria ser incentivada porque faz com que os usuários, ao confeccionarem seus próprios utensílios, desenvolvam uma prática de autocuidado.

Esses mesmos materiais passaram a ser objeto de apreensão policial, informações adicionais na caracterização/explicação de atos infracionais, como mostram as reportagens abaixo,

Acusada de roubar a carteira do porteiro Evangelista Oliveira, 49, uma garota de 16 anos foi apreendida e espancada por dois policiais militares ontem à tarde na avenida Manuel Bandeira, na Vila Leopoldina (zona oeste). As agressões foram registradas pela Folha, que passava pela via quando transeuntes chamaram a polícia.

Antes de deter a jovem, os PMs deram-lhe vários socos e chutes. Quando já estava algemada e dentro do carro da polícia, ela bateu com as algemas nos vidros e um dos PMs jogou gás pimenta em seu rosto. Os PMs são Nilton Barbosa dos Santos e Gilson dos Anjos. Ambos estavam no carro 04201, do 4º Batalhão, na Lapa. Eles passavam pela via casualmente para localizar um carro abandonado e viram o vigilante de uma empresa segurando pelo braço a garota, que se debatia bastante e, segundo os PMs, agredira o vigia.

Os PMs disseram à Polícia Civil que encontraram com a jovem um cachimbo usado por viciados em crack, isqueiros e uma chave de fenda. A carteira de Oliveira, com documentos, cartões e R\$ 25,70, foi achada com a menina, que foi levada para a Fundação Casa.

O PM Santos disse que nem ele nem o policial Anjos agrediram a jovem. Segundo ele, ambos apenas usaram técnicas policiais para contê-la. A Folha não conseguiu entrevistar Anjos porque ele prestava depoimento à Polícia Civil⁷ (grifos meus).

Com o objetivo de inibir a criminalidade, encaminhar e promover o resgate à autoestima dos cidadãos em situação de rua, a Prefeitura realizou nesta terça-feira, dia 19 de janeiro, mais uma edição da ação integrada do mutirão “Bom dia morador de rua”, a primeira em 2010. Os trabalhos tiveram início às 6h30.

(...)

Segundo Darci Silva, os cidadãos passaram por triagem e foram identificados pela Polícia Militar. Segundo o Major João Carlos Arraes, foram apreendidos na operação desta manhã objetos cortantes como facas e facão, **além de isqueiros e cachimbos para uso de craque(sic)**, e também objetos perfurantes e pontiagudos⁸ (grifos meus).

Como se vê, o que é mais interessante dessas informações é que elas se referem menos às substâncias e ao crack em si e mais aos materiais a partir dos quais eles são utilizadas. Nesse caso, considero interessante perguntar: o que os materiais significam? Quais indivíduos os utilizam? Durante a pesquisa com os meninos em situação de rua presenciei a seguinte cena: três meninos tiravam sarro de uma menina dizendo “*ela fumou naquela lata nojenta, que passa barata*”. Ela, entre a vergonha e a indignação, gritava para mim: “é

⁷ Cf. Folha de S. Paulo, 15/09/2009, “PMs agredem jovem acusada de roubar carteira”.

⁸ Cf. “Tolerância Zero realiza primeira operação ‘Bom dia morador de rua em 2010’”, em 19/01/2010; notícia retirada do site <http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=445>, em 30/07/2010, às 09:10hs.

mentira, tia, eu só fumo no cachimbo”. A fala da psicóloga do PRD, em entrevista, pode indicar um modo de entender o que se passou aí:

Agora o crack é a nóia, o crack é fedido, o crack é porco e dentro dos que usam crack, tem ainda os que usam no cachimbo e os que usam na lata, os que usam na lata são a podridão da podridão, né?

Desse modo, ainda merecem maior atenção as distinções feitas pelos usuários entre fumar na lata, na embalagem de iogurte ou no cachimbo, entre cheirar na nota de dinheiro ou em um papel limpo. Nesse caso, que grau de sujeira é permitido? Quais as formas de cuidado aprendidas e utilizadas? Na medida em que a produção de um corpo higiênico e saudável do consumo de “drogas” passa, do ponto de vista da política de redução de danos, por uma forma específica de utilização dos materiais, cabe indagar como e se as “dicas” de saúde estão sendo incorporadas, como e quais materiais estão sendo substituídos.